

# Brasil mestiço: o cruzamento entre as “raças” na perspectiva de Manoel Bomfim

Ruth Cavalcante\*

## Half-breed Brazil: The crossing between “races” in Manoel Bomfim’s perspective

### Resumo

Manoel Bomfim (1868-1932) foi médico, político, professor e escritor. Sua relevância para a historiografia brasileira se deve ao fato de ele ter publicado uma série de obras que fizeram uma reflexão em torno da questão da identidade nacional e sobre quem era o autêntico povo brasileiro. No contexto do fim do século XIX e princípio do século XX, a “mistura entre as raças” dos povos da espécie humana era vista a partir de um prisma negativo e causador da degenerescência entre os seus descendentes. Bomfim, de forma bastante pioneira, defendeu em seu livro *A América Latina: males de origem* (1905), que a mestiçagem não gerava degeneração, mas sim indivíduos inteligentes, sadios e fortes. Refletir sobre a importância desta concepção é o objetivo deste artigo.\*\*

**Palavras-chave:** Bomfim; Mestiçagem; Brasil.

### Abstract

Manoel Bomfim (1868-1932) was a physician, politician, professor and writer. His relevance to Brazilian historiography is due to the publication of a series of works that reflected upon the question of national identity and upon who was the authentic Brazilian folk. In the context of the end of the nineteenth century and beginning of the twentieth, the “mixture of races” of people of the human race was seen under a negative perspective and as the cause of the degeneration amongst their descendants. Bomfim, in a very pioneering fashion, defended in his book “Latin America: evils of origin” (1905), that miscegenation did not breed degeneration, but intelligent, healthy and strong individuals. To reflect upon this idea is the goal of this article.

**Key-words:** Bomfim; Miscegenation, Brazil.

\* Doutoranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo. Bolsista CAPES. E-mail: donaruth26@hotmail.com

\*\* Este artigo é um desdobramento da Dissertação de Mestrado em História intitulada *A questão racial pensada entre o “método científico” e a paixão: um estudo comparado entre José Ingenieros e Manoel Bomfim – Argentina e Brasil (1900-1920)*.



Atualmente, é um senso comum olhar para a sociedade brasileira e identificá-la como tendo sido forjada do “encontro” do branco, do negro e do índio. Entretanto, encarar com naturalidade o fato de que o brasileiro é fruto de um secular processo de “mestiçagem” nem sempre foi visto como algo positivo. Entre o final do século XIX e o começo do século XX, as teorias do racismo científico, do darwinismo social e da eugenia estavam em seu auge e, “para o bem ou para o mal”, a intelectualidade do país pensou em quem seria o autêntico brasileiro levando em consideração o critério racial.

No ano de 1874, no artigo intitulado *L’emigration au Brésil*, o Conde francês Joseph de Gobineau afirmou que em um prazo de duzentos anos a população brasileira iria se extinguir em virtude da degeneração e do raquitismo provocada mestiçagem de seu povo. O intelectual atribuiu certos defeitos aos brasileiros como a preguiça, a feiura, a suposta falta de fertilidade e o corpo fisicamente enfraquecido, como consequências da miscigenação entre as “raças” aqui presentes.<sup>1</sup> Este dramático quadro só poderia ser revertido se o governo atraísse para as suas terras uma população “desejável”, isto é, branca, de ascendência europeia e “civilizada”.

Após a sua morte, Gobineau ficou mundialmente conhecido por seu trabalho *Essai sur l’inégalité des races humaines*, obra que recebeu, em especial, uma calorosa acolhida na Alemanha nazista. Neste livro, o conde francês pensou sobre as razões da ascensão e da queda das civilizações da espécie humana. Para ele, a questão étnica “seria a responsável pelo declínio de civilizações que outrora floresceram. Este fato se dava porque uma raça originalmente pura ao misturar-se com outras se tornava degenerada, perdia as suas qualidades essenciais, levando essa civilização ao declínio”.<sup>2</sup>

Durante a sua estadia no Brasil, quando ocupou um cargo que na atualidade seria correspondente ao de embaixador da França no Império brasileiro, em suas correspondências trocadas com o Imperador D. Pedro II, o conde afirmou que o futuro do povo brasileiro não era nada promissor, uma vez que a miscigenação racial entre portugueses, índios e negros estava amplamente disseminada na sociedade. Gobineau acreditava que a “mistura das raças” provocava a degeneração. Ao pensar no Brasil, atribuiu a grande taxa de mortalidade infantil à miscigenação. Ele associou os “mulatos” (filhos de pais provenientes da “raça” branca e negra) com às mulas, animais inférteis e resultantes do cruzamento de asnos com éguas, para afirmar que, em virtude da mestiçagem, a esterilidade era o destino da população do país.<sup>3</sup>

1 SOUSA, Ricardo Alexandre. A extinção dos brasileiros segundo o Conde Gobineau. *Revista Brasileira de História da Ciência*. Rio de Janeiro: vol., 6, n., 1, p. 21-34, 2013. p. 21-22.

2 Idem, p. 23.

3 Idem, p. 31.



Gobineau chegou mais adiante à conclusão de que os brasileiros desapareceriam em menos de dois séculos. Vale lembrar que o pensamento do autor quanto aos mulatos não era nenhuma aberração aos homens de ciência da sua época. A suposta pouca fertilidade dos mulatos era bastante discutida, principalmente nos Estados Unidos, onde o poligenista Louis Agassiz propunha que a civilização branca suportasse a presença dos mulatos por algum tempo, uma vez que eles naturalmente desapareceriam.<sup>4</sup>

O pensamento de Gobineau influenciou a forma como uma gama de intelectuais como Sílvio Romero, Nina Rodrigues e Oliveira Vianna pensaram a realidade da sociedade brasileira no contexto do fim do século XIX e princípio do século XX.

Sílvio Romero, em trabalhos como *História da Literatura Brasileira* (1888), alegou que o brasileiro era resultante de cinco fatores: o meio físico, o índio, o português, o negro e a imigração estrangeira. Desta forma, todo o brasileiro seria um mestiço, quando não no sangue, nas ideias. Romero pregou pela necessidade de aumentar a quantidade de sangue branco nas veias dos brasileiros. Por esta razão, valorizou a imigração de europeus para o país a fim de que houvesse um progressivo branqueamento da população local. Em outras palavras, ele acreditava que este “sangue novo” trazido pelos imigrantes poderia compensar a degeneração provocada pelo clima tropical e pelo cruzamento com as “raças inferiores”, gerando ao longo das gerações, descendentes mais brancos, tanto na cor da pele quanto na mentalidade.<sup>5</sup>

O intelectual Raymundo Nina Rodrigues, por sua vez, alicerçando-se na ideia de que a humanidade estava dividida entre “raças superiores” e “raças inferiores”, afirmou em sua obra *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil* (1894), que os mestiços eram indolentes, imprevidentes, fisicamente fracos e com capacidade cognitiva limitada. Aos mestiços brasileiros também foram atribuídas às características de baixa moralidade e desequilíbrio mental, herança biológica herdada dos progenitores das “raças inferiores”. “Nina Rodrigues aceitava integralmente o evolucionismo do século XIX e considerava que, entre outros países, o Brasil se inferiorizava não só pela existência dos negros, mas também pela mestiçagem”.<sup>6</sup> A solução que ele enxergava para o país, era seguir o exemplo dos Estados Unidos, estabelecendo uma formal separação, em que os mestiços, negros e índios ficariam de um lado, em seu próprio “mundo”,

4 Idem, p. 32.

5 LEITE, Dante. *O caráter nacional brasileiro*. São Paulo: Pioneira, 1969. p. 186-187.

6 Ibidem, p. 220.



ao passo que os brancos ficariam de outro. Por essa razão, advogou que o primeiro grupo citado não poderia receber o mesmo tratamento do código penal dado aos brancos, alegando que “as raças inferiores têm mentalidade infantil, de forma que não deveriam ser tão responsáveis quanto as raças superiores”.<sup>7</sup>

Kettner nos esclarece que Manoel Bomfim foi um importante interprete da realidade do Brasil, pois colaborou para “implementar as bases da teoria sobre a constituição da família brasileira representada por Gilberto Freyre em *Casa Grande & Senzala*”.<sup>8</sup> A obra de Bomfim, *A América Latina: males de origem* (1905) e o livro de Freyre, *Casa Grande & Senzala* (1933), tiveram a originalidade de refutar a concepção de que a mistura entre as “raças” teria levado a degeneração e a inferioridade do povo brasileiro. Ambos autores buscaram pensar nas contribuições dos índios e dos negros na constituição da nacionalidade e colaboraram para construir a interpretação de que o autêntico povo brasileiro era mestiço e teria se forjado a partir do encontro do português, do índio e do negro. Contudo, Kettner afirma que Freyre construiu um discurso mais “normativo” do que Bomfim, pois:

A análise de Gilberto Freyre, além de outros problemas, falha mais gravemente nos pontos em que rechaçou os de Bomfim [...] Primeiro, Freyre minimiza a influência do índio na cultura brasileira e critica Bomfim pela sua simpatia excessiva pelos indígenas. Freyre se refere a Bomfim como um “indianófilo até a raiz dos cabelos”. (*Casa Grande & Senzala*, 167). Para Freyre, Bomfim teria dado importância e excessiva relevância às contribuições dos índios na agricultura. Freyre vai de encontro também a sugestão de Bomfim de uma possível mestiçagem entre a mulher branca e o homem negro. Essa visão de Bomfim entra em conflito com a de Freyre, pois, segundo Joshua Lund, o texto freyriano é uma tentativa de construção de um discurso normativo baseado na mestiçagem do homem branco com a mulher de cor.<sup>9</sup>

Manoel Bomfim foi pioneiro entre a intelectualidade brasileira a contestar a ideia de que a mestiçagem tinha um caráter degenerativo, antecipando-se, inclusive, ao discurso freyriano que é amplamente aceito até os dias atuais: a ideia de que sociedade brasileira se forjou a partir do encontro de três elementos culturais: o branco (europeu-português), o indígena (nativo) e o negro (africano).

7 Ibidem, p. 216.

8 KETTNER, Michele. Manoel Bomfim: “ensaaiando” a mestiçagem na América Latina. *Ci. & Tróp.* Recife: vol., 34, n., 1, p.135-154, 2010. p. 147.

9 Ibidem, p. 147-148.



Uma das grandes originalidades do pensamento de Bomfim foi ter ido de “encontro ao sentido comum da época que consistia em associar as ideias de atraso econômico-social à mestiçagem”.<sup>10</sup> Desta forma, o intelectual alegou que o atraso do Brasil e das demais nações latino-americanas de forma alguma estava relacionado ao “caráter mestiço” dos povos da região, mas sim, à herança colonial, uma vez que eles foram brutalmente explorados pelas suas antigas Metrôpoles, Portugal e Espanha.

Bomfim fez frente às ideias dos eugenistas e dos darwinistas-sociais em relação a questão da mestiçagem ao se posicionar contra o estabelecimento de uma analogia entre a mestiçagem do homem e o cruzamento de diferentes espécies de animais. Para ele, animais de diferentes espécies, quando cruzavam, produziam produtos híbridos e estéreis. No entanto, era observado que o cruzamento entre os indivíduos de “raças diferentes” não gerava caracteres regressivos.

Não se vê nos mestiços, nenhum traço fisionômico especial, novo, nenhuma modificação orgânica particular, que possa ser considerada uma regressão ancestral. Como, então, admitir que deva haver forçosamente uma regressão moral e intelectual – quando, no entanto, o cruzamento se faz, não entre espécies diferentes, mas entre raças diversas, e quando, mesmo no caso dos animais (onde há esta regressão física), não existe a regressão intelectual?<sup>11</sup>

Isto significa que, ao contrário das ideias dominantes dos seus contemporâneos, Bomfim tinha uma visão favorável em relação a fusão de “diferentes raças”. Também, ao observar a constituição orgânica dos povos sul-americanos, com uma boa dose de sangue indígena e, no caso brasileiro e cubano, com sangue africano, discordou veementemente dos sociólogos que afirmavam que o cruzamento entre “diferentes raças” geraria “crias inferiores”.

Amparando-se em certos fatos observados na zoologia, pretendem alguns sociólogos que as nações sul-americanas padecerão, ainda, de uma inferioridade especial, derivadas dos cruzamentos em si. No entanto, a verdade é que não há observações positivas provando esta suposta influência perniciosa da mestiçagem.<sup>12</sup>

10 Ibidem p. 139.

11 BOMFIM, Manoel. *A América latina: males de origem*. Rio de Janeiro: Biblioteca Virtual de Ciências Humanas - Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. Disponível em: <[http://www.do.ufgd.edu.br/mariojunior/arquivos/BOMFIM\\_A\\_America\\_Latina\\_Males\\_de\\_origem.pdf](http://www.do.ufgd.edu.br/mariojunior/arquivos/BOMFIM_A_America_Latina_Males_de_origem.pdf)>. Acesso em: 7 jun 2014. p. 208.

12 Ibidem, p. 207.



Na concepção de Bomfim, a mestiçagem era positiva. Para corroborar com esse ponto de vista, recorreu ao passado da Península Ibérica. Segundo ele, no século XVI, Portugal e Espanha eram as nações mais adiantadas do mundo, sendo excepcionalmente poderosas, ricas e civilizadas. “Nesta época, os povos ibéricos estiveram efetivamente na vanguarda do progresso: a civilização da península foi das mais brilhantes e fecundas”.<sup>13</sup> O brasileiro afirmou ainda que a Espanha era tão altiva porque se forjou a partir dos “aluviões sucessivos de gentes – fenícios, celtas, cartagineses, romanos, godos, suevos, alanos, mouros, árabes... ela fizera uma nacionalidade única, perfeitamente caracterizada, homogênea e forte”.<sup>14</sup> Assim, na visão do intelectual, a congregação de diferentes povos e raças e a “fundição” de dessemelhantes culturas e tradições “gerou” os povos ibéricos.

Na perspectiva bomfiniana, as nacionalidades peninsulares se destacaram pela sua extraordinária capacidade de assimilação social. Este poder de congregação derivava-se de “uma grande plasticidade intelectual e de uma sociabilidade desenvolvidíssima, qualidades preciosas para o progresso”.<sup>15</sup> Observe como Bomfim descreve a homogeneidade da nação espanhola e portuguesa:

As raças ibéricas demonstraram possuir uma força de assimilação de que não se tem exemplo em nenhum outro povo da Europa. Não se conhece outro caso de se fundirem, assim rapidamente e tão perfeitamente, raças tão diversas e tantas, como na Península. Para ali concorreram elementos étnicos mais dessemelhantes que esses, ainda hoje isolados e em constantes conflitos nos Bálcãs, na Macedônia, na Hungria. Apesar disto, a população da península é hoje mais homogênea do que a da Inglaterra e de outros países da Europa. Com toda a sua citada superioridade, os ingleses não conseguiram assimilar os celtas da Irlanda, nem os holandeses do Cabo, nem os franceses do Canadá.<sup>16</sup>

O sergipano acreditava que, transplantados para a América, os povos ibéricos mantiveram a sua plasticidade intelectual e a sua grande sociabilidade e se mesclaram com os indígenas e os africanos. No caso brasileiro, houve a assimilação de três “raças” radicalmente distintas - os brancos (portugueses), os indígenas e os negros. Deste encontro surgiu muito precocemente no Novo Mundo um povo original e coeso: o povo brasileiro.

13 Ibidem, p. 20.

14 Ibidem, p. 36.

15 Ibidem, p. 182.

16 Ibidem, p. 182.



Segundo o sergipano, a experimentação e a observação desconstruíam os argumentos dos teóricos que acreditavam na inferioridade de certas “raças”. Baseando-se em Ribot, alegou que o cruzamento era muito vantajoso, pois a mistura de “raças” gerava o aparecimento de aptidões novas, com a mistura de qualidades morais e intelectuais. Desta mesclagem surgiram exímios músicos, pintores, matemáticos, médicos etc. Bomfim citou também intelectuais como Waitz, Martin de Moussy, Quatrefages para afirmar que os mestiços eram iguais em inteligência aos seus progenitores.

Quatrefages, refere-se nos termos mais encomiásticos às sociedades sul-americanas, onde a mestiçagem teria, no seu parecer, desenvolvido qualidades apreciáveis, e cita numerosos exemplos, sobretudo no Brasil, onde, não existindo preconceito de cor, os mestiços tem podido desenvolver suas aptidões e têm mostrado “uma decidida superioridade artística sobre as duas raças mães. A quase totalidade dos pintores e músicos brasileiros pertencem à raça cruzada; muitos se tornam notáveis em medicina (...) Na Venezuela os mulatos têm-se distinguido como oradores, publicistas, poetas (...)”. Concluiu o citado antropologista, “reconhecem-lhes, sobretudo aos da América, muita inteligência, espírito e imaginação.”<sup>17</sup>

Na perspectiva bomfiniana, os mestiços eram bem-dotados de inteligência e totalmente suscetíveis ao progresso intelectual. Eles apenas precisavam de ser educados para aprenderem a utilizar as suas energias e a terem interesses superiores. “Fortes e vigorosos como são, eles saberão aproveitar ultimamente as energias e as resistências que possuem, e que os tornam efetivamente superiores aos colonos que se fazem recrutar nos refugos das civilizações corrompidas”.<sup>18</sup> Bomfim concluiu que a instabilidade das republicas latino-americanas não se devia ao cruzamento entre as “raças”, mas derivava exclusivamente das condições históricas de colonização, pois “os defeitos e virtudes que possuem vêm da herança que sobre eles pesa, da educação recebida e da adaptação às condições de vida que lhes são oferecidas”.<sup>19</sup>

Apesar de Bomfim acreditar que os indígenas e os africanos eram “povos primitivos”, ele tinha uma visão favorável à miscigenação destes com povos mais “desenvolvidos”, pois a fusão de diferentes raças era considerada como benéfica ao progresso da espécie humana. Segundo o intelec-

17 *Ibidem*, p. 211.

18 *Ibidem*, p. 214.

19 *Ibidem*, p. 212.

tual, a miscigenação beneficiava as populações mais cultas porque elas carregavam consigo tanto “peso” das suas tradições históricas e eram tão acostumadas a viver de acordo com os hábitos e costumes de outrora que “formam uma bagagem muito pesada para quem pretenda correr após o progresso”.<sup>20</sup> Observe como os indígenas e os negros poderiam colaborar com o progresso dos “povos cultos”:

Expliquemos essa metafísica: são gentes infantis, que não possuem irredutíveis qualidades de caráter, e resistem menos ao influxo de ideias novas que as populações cultas, sobre as quais pesam tradições históricas especiais e uma civilização determinada. Os animais rudimentares são muito mais variáveis e adaptáveis que aqueles de organização complexa; os povos jovens são muito mais progressistas – adaptáveis – que os povos feitos, presos a um passado, que ora os seduz, ora os domina, e em geral, lhe entorpece a marcha para o futuro.<sup>21</sup>



Nesta perspectiva, era imensamente positivo aos povos “mais civilizados” misturarem-se com “povos jovens”, pois estes lhes quebrariam a dureza de caráter social, favorecendo-lhes uma renovação e um progresso mais acelerado. Em contrapartida, defendia que era uma vantagem para os negros e os índios se mesclarem com povos “mais cultos”, pois, “quanto às qualidades positivas, próprias, que eles possuam, estas são tão reduzidas, tão poucas, em comparação às novas qualidades adquiridas, que não se fazem quase sentir”.<sup>22</sup> Ou seja, ele acreditava que as ideias adquiridas dos “povos civilizados” iriam pouco a pouco modificar o “caráter primitivo” dos índios e negros a ponto de que, no decorrer das gerações, “o que resta das qualidades essenciais da raça menos culta é bem pouco - bem pouco para influir na diretriz que seguirá a nova sociedade saída desse encontro”.<sup>23</sup>

Percebe-se que Bomfim tentou superar as ideias preconceituosas da sua época por meio do elogio ao hibridismo, construindo um discurso no qual os mestiços herdavam as melhores características de seus progenitores. Contudo, ele discriminou as contribuições das culturas/sociedades consideradas historicamente inferiores, elegendo a matriz ocidental como gerenciadora dos costumes e da mentalidade da sociedade brasileira.

20 Ibidem, p. 185.

21 Ibidem, p. 84-85.

22 Ibidem, p. 185.

23 Ibidem, p. 185.

Nesta perspectiva, o sergipano elaborou uma explicação sobre o porquê que os índios e os negros tiveram uma influência reduzida sobre as novas sociedades latino-americanas “nascidas” do encontro destes elementos com os ibéricos.

Os índios e os negros não gozavam da mesma liberdade que os brancos, não gozavam de nenhuma. Eram forçados a contrariar o seu caráter e moldar-se ao dos povos ibéricos, não só pela natural sugestão das gentes mais cultas sobre as incultas, como porque a isto os forçavam ativamente. Não eram livres de dar expressão ao seu gênio e temperamento, nem mesmo no seio dos seus – a prole não lhe pertencia. Viviam a serviço dos brancos, e governavam-se pelo querer e pelos sentimentos destes.<sup>24</sup>

Como podemos perceber, o discurso de Bomfim elogiou o mestiço, alegando que ele herdava as melhores características dos seus progenitores. Também, em momento algum fez apologia ao embranquecimento das características fenotípicas da população brasileira por meio da mestiçagem. É necessário ter clareza que a mistura de “raças” era enaltecida porque o brasileiro acreditava que ela gerava produtos vigorosos, inteligentes e saudáveis, e não porque ela tinha potencial para gerar descendentes mais brancos. Contudo, é importante ponderar que o ideal de branqueamento entre os homens do princípio do século XX não dizia apenas respeito ao clareamento da cor da pele, mas também estava relacionado à neutralização de certas identidades culturais de determinados grupos étnicos. Neste sentido, Skidmore afirma que “a tese do branqueamento baseava-se na presunção da superioridade branca, às vezes pelo uso de eufemismos raças “mais adiantadas” e “menos adiantadas” e pelo fato de ficar em aberto a questão de ser a inferioridade nata”.<sup>25</sup> Para Skidmore, no Brasil, a teoria do branqueamento, em sua vertente otimista, acreditava que a miscigenação não produzia seres degenerados, mas indivíduos sadios e capazes de se tornarem sempre mais brancos, tanto fisicamente quanto culturalmente.

Pode-se afirmar que, quando Bomfim incentivou a interação e a assimilação entre “diferentes raças”, defendendo que os “povos infantis” adquiririam novas qualidades dos “povos cultos” a ponto de modificar o seu “caráter primitivo”, na prática seu pensamento estava embranquecendo-os culturalmente. Ou seja, existiu uma dose do ideal de branqueamento

24 Ibidem, p. 185.

25 SKIDMORE, Thomas. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1976. p. 81.

no discurso de Bomfim, pois os seus escritos estimulavam que os índios, os negros e os mestiços interiorizassem modelos culturais ibéricos a fim de se tornarem “mais civilizados” e pudessem “progredir” de forma mais acelerada. É necessário ressaltar que esta questão era bastante paradoxal no pensamento do sergipano, pois o seu elogio aos “povos civilizados” era feito em relação à cultura ibérica – e não ao “homem branco” – espanhol e português. O indivíduo ibérico era sempre retratado como um ser ganancioso que explorava de forma brutal aos elementos das “demais raças”.

Na visão bomfiniana, portugueses e espanhóis descendiam do “berço” das grandes civilizações, mas, em virtude das suas “atividades parasitárias”, sugando como se fossem carrapatos as energias e riquezas dos indígenas e dos negros, degeneraram e retrocederam. Essa foi a explicação que o intelectual deu ao pensar no porquê Portugal e Espanha deixaram de ser as potências mais poderosas do planeta para virar os países mais atrasados e retrógrados da Europa do começo do século XX.

Mesmo tento admiração pela “civilização” e pela cultura europeia, Bomfim criticou as alegações dos “sociólogos do massacre” que tentavam provar a inferioridade étnica dos povos da América Latina, ao passo que defendiam que os europeus eram derivados de “raças nobres”. Ele visualizava que foi em nome destas ideias que houve tanto incentivo à imigração europeia com a finalidade de melhorar a qualidade étnica do povo latino-americano. Contudo, o intelectual acreditava que esta não era a solução para os problemas destes países.

É necessário ter clareza de que Bomfim não era contrário à imigração de europeus para os países da América do Sul no contexto do final do século XIX e começo do século XX, porém, ele foi um crítico dos resultados deste processo. O que mais o incomodava era a falta de suporte e de preparo do Brasil para receber estes europeus. “É preciso que o meio, aqui, não seja inferior àquele donde ele – o colono – provém. Eleve-se este meio, melhorem-se as condições de vida, para que o emigrante se possa achar feliz aqui”.<sup>26</sup> Além disso, não concordava com a concepção que os imigrantes seriam os elementos a trazer a “civilização” e “progresso” para a região. Ao observar este tipo de discurso promulgado por intelectuais brasileiros, afirmou o seguinte:

Temos que convir que é absurdo, reconhecendo que o estado político e econômico do país não é bom, pretender e esperar que os estrangeiros o venham reformar e organizar, educar e aperfeiçoar. Quem emigra, emigra para melhorar de sorte, e não para organizar nações e fazer pátrias.<sup>27</sup>

26 BOMFIM, Manoel, op. cit., p. 133.

27 BOMFIM, Manoel, op. cit., p. 134.

Segundo o sergipano, o imigrante europeu, não raro, se considerava “superior” a população local, pelo fato de ser branco. Outro problema é o de que os seus descendentes não se misturavam com os naturais. Na concepção de Bomfim, o maior problema da imigração massiva para o Brasil era que os europeus, introduzidos de forma tão abrupta no país, não estavam se assimilando às gentes locais, e os nascidos e criados no país não perdiam o seu “estrangeirismo” e, tampouco, se sentiam brasileiros.

Nas condições atuais das nacionalidades latino-americanas, forçar a emigração é quase um desazo. Em dadas condições é dissolvente para a harmonia social a intromissão violenta de populações que, além de excessivas para a força assimiladora, serão necessariamente refratárias à assimilação e, de alguma sorte, incompatíveis com as gentes naturais. São mais os males dessa colonização precipitada que as vantagens.<sup>28</sup>

Como se pode perceber, em momento algum Bomfim defendeu que os imigrantes europeus eram melhores do que às gentes naturais. Nesse sentido, ele foi bastante categórico ao afirmar que não existia uma inferioridade racial dos povos da América Latina em relação aos povos europeus, a única “inferioridade” existente em relação aos povos cultos “é a ignorância, é a falta de preparo e de educação para o progresso – eis a inferioridade efetiva; mas ela é curável, facilmente curável”.<sup>29</sup> Em relação ao caso brasileiro, argumentava que era necessário que o Estado se comprometesse com a instrução popular de todos os elementos que habitavam o país - dos índios, dos negros, dos mestiços, dos imigrantes e seus descendentes. “Aí está o remédio contra o nosso atraso, contra a miséria geral; e os que têm o coração bem no lugar não se podem negar a esta obra de redenção social”.<sup>30</sup> Bomfim expressou ter a certeza de que o Brasil e os países da América Latina poderiam progredir e ter um povo mais adiantado e culto:

A massa da população, onde entra tão grande dose o sangue de raças novas e sadias e as ondas de imigrantes, gentes fortes – pois que, é bem certo, só os fortes emigram – a massa da população tem revelado possuir o vigor e energia precisos para exigir, promover e alimentar esse esforço no caminho do progresso.<sup>31</sup>

28 BOMFIM, Manoel, op. cit., p. 132-133.

29 BOMFIM, Manoel, op. cit., p. 270.

30 BOMFIM, Manoel, op. cit., p. 271.

31 BOMFIM, Manoel, op. cit., p. 250.

Como se pode perceber, Bomfim criticou os resultados imigração massiva para o Brasil porque não acreditava que o europeu era um elemento “civilizador” que poderia promover a “ascensão” da qualidade da população brasileira. Para ele, a sociedade brasileira já era bastante complexa e homogênea antes do processo migratório desencadeado nos fins do século XIX - com a assimilação “espontânea” dos índios, negros e portugueses ao longo de três séculos. A grande dose de sangue de “raças novas” e sadias fazia com que este corpo social fosse perfeitamente capaz de atingir uma cultura superior.

Para Bomfim, as “raças diferentes” que forjaram a sociedade brasileira se assimilam e formaram o povo coeso. Todavia, o processo de imigração massiva estava produzindo resultados negativos no país, pois estava havendo uma introdução violenta de elementos heterogêneos na sociedade, prejudicando assim, a harmonia social. É importante ressaltar que as críticas de Bomfim estavam mais direcionadas a falta de preparo do Estado em receber a imigração em massa do que propriamente aos imigrantes. Isto significa que o discurso do sergipano não era hostil aos estrangeiros e nem pretendia tratá-los sistematicamente como “os outros”. Ao contrário, ele defendia a necessidade destes elementos se assimilarem aos brasileiros a fim de formar uma sociedade mais homogênea em seus costumes e ideias. Assim, se estes indivíduos fossem gradualmente assimilados, eles também fariam parte do povo brasileiro. Isto significa dizer que o discurso do sergipano era profundamente assimilacionista.

Bomfim, sustentava a crença de que os portugueses, os índios e os negros se assimilaram de forma tão espontânea a ponto de formarem um povo coeso no Brasil. Quando os imigrantes europeus chegaram em massa no fim do século XIX, encontraram, na visão do sergipano, um povo que já estava pronto, que era uniforme e harmonioso, resultante do “largo cruzamento”. Contudo, se os imigrantes e seus descendentes se assimilassem com as gentes naturais eles também seriam considerados como brasileiros. Assim, na visão bomfiniana, o Brasil estava “destinado” a ser um país de povo racialmente mestiçado. Bomfim, ao contrário da maioria dos seus contemporâneos, enxergou isto como um fator positivo, uma vez que ele foi bastante pioneiro ao contestar a ideia dominante e amplamente aceita no fim do século XIX e princípio do século XX, de que a espécie humana estava dividida entre “raças superiores” e “raças inferiores”. Ao defender que os índios e os negros não tinham nenhuma inferioridade biológica em relação aos brancos, o intelectual abriu caminho para a construção de uma visão positiva em relação a mestiçagem.

